VIDA VÃ – V e VI

Everton Bortotti

V – A chave do porão
VI – Zona de transição

V – A chave do porão

1

Quando os conheci eles estavam numa praça da avenida Capital vendendo folhetos aos passantes, dois deles me passaram os seus para que eu desse uma olhada e me sentando num banco ao lado fiquei lendo e, pouco depois, nos intervalos de suas vendas os dois começaram a me fazer comentários:

– Somos menestréis do esgoto, chacais sem práxis ou engajamento, desajustados.

– Somos estelionatários do verbo, um caso clássico de corrupção mental e alienação de caráter.

Estranhei que falassem mal de si mesmos, eles deviam sentir-se à vontade comigo para me dizer essas coisas e, mesmo que os outros também me falassem o que pensavam, particularmente esses dois eram os que mais abertamente se apresentavam:

– Vendemos na ânsia de nos livrar da máquina social e no entanto somos rebarba do que fugimos. É um paradoxo.

– De qualquer modo estamos sempre em busca de identidade sem veleidade e, isto que você lê, é o melhor que podemos fazer pra vender.

O conteúdo de seus folhetos continha poemas em parte feitos para agradar o maior número possível de *clientes* e em parte feitos para atingir *clientes* específicos, também o que diziam aos passantes eram palavras mais doces e educadas a respeito de si e, por cortesia pessoal, o primeiro deles me disse:

– Pode ficar com o meu folheto de graça, mas não conta pra ninguém senão todo mundo vai querer.

– Há há – ironizou o outro –, se todo mundo quisesse de graça a gente se enchia de patrocinador. Na real somos aqueles que tentam despertar a sensibilidade oculta das pessoas. Pode ficar com o meu folheto também.

Eu já estava começando a diferenciar quando eles falavam sério ou de brincadeira, tanto quanto quando uniam as duas coisas, também faziam isso com quem abordavam de maneira mais branda.

– Vou te confessar – prosseguiu o primeiro para mim –, só te dei de presente porquê você está lendo, isso é raro.

– Deixa disso – rebateu o outro –, tem um monte de gente que lê.

Claro que eles já tinham reparado minhas roupas e sapatos humildes, tinham olhos treinados e aliás suas roupas eram boas e novas, um tanto enfeitadas. Quando terminei de ler guardei os folhetos no bolso e passei o resto da tarde os observando exercitar seu humor com cada *cliente*, com o sol partindo enquanto os outros se foram dali os dois me chamaram para tomar cerveja:

– Hora de exames internos.

– Me parece mais adequado dizer que é hora da combustão.

Andando rumo a um boteco me revelaram que eram sulinos e haviam chegado recentemente, vinham da cidade média de Poraí e estavam se hospedando num hotel barato do centrão "numa região de monumentos e edificações antigas onde tudo é bonito só em foto", no que eu lhes disse que fosse qual fosse o hotel certamente era lindo diante da pensão que eu morava e, como quiseram saber mais, falei:

– Minha situação é de fundo de tacho, trilhões de horas mau dormidas, colchões reduzidos

à poucos milímetros de espessura, milhões de peões por quarto, indefinido de destino.

Seus comentários logo vieram pela ordem de pensamentos relacionados:

– Essa coisa de desprovido de direção é promitente a poema.

– A ilustração de tacho é feérica como auto-homologação.

Geralmente quem primeiro falava era Nilson Fadhal Jr fosse porquê desenvolvia raciocínios mais rapidamente fosse porquê o outro, Cido, esperava ele falar para improvisar em cima. Nilson estava uma geração à minha frente e era o mais baixo de nós três, já Cido tinha em torno da minha idade e era um pouco mais baixo que eu contudo corpulento parecia um lutador de telequete. Quando entramos num boteco sentamos frente a um balcão e seguindo ambos a falar tudo que Nilson dizia incitava dizeres de Cido mas, quando no meio disso surgiu uma proposta, ela veio justamente de Cido:

– Cada qual, que tal?

Pela proposta nós três pegamos cada qual caneta e guardanapo para escrever o que nos viesse à cabeça, à mim foram retalhos de idéias que ali soltei e até algumas graçolas filosóficas. Ao final lemos uns dos outros e Cido foi o primeiro a comentar:

– Vocês forçam demais. Texto digerível tem de ser insosso.

– Na iniciação ao inconstante – disse Nilson – não pesa tanto um pouco de idiossincrasia.

Nilson levava tudo mais na brincadeira e Cido, mais com a cabeça nas vendas, estendeu seu comentário:

– Ok. Também sei usar palavras assim. Quando comecei fui de cancha literária canhestra e faltosa de definição que, trocando em miúdos, era basicamente um poço de lama, e descobri que até isso vendia. Mas atualmente vou no rápido do externo, pelo mercado evito profundidade e o retorno é mais prático. Confissão feita.

– Produzir e vender – falou Nilson –, quanto mais próximo for, maior o desafio.

– Nilson – me disse Cido – influenciou minha iniciativa de produzir texto e vender, mas agora já desenvolvi meu próprio modo de escrever. Quando ele fala assim está me provocando, mas não caio na dele. Ele quer dizer que sou mais vendedor que poeta.

– É apenas debate – riu Nilson – entre gostos e públicos.

Seguindo a troca de palavras ambos dispendiam opiniões de modo despreocupado como que já sabendo a posição do parceiro, e embora fosse Nilson o mais afeito à teoria foi ele que, em termos práticos, interrompeu o debate com Cido e me fez a real proposta:

– Vem, tal como a gente, fazer o toma lá dá cá no varejo.

Eu não tinha nada a perder e ainda menos como ganhar a vida de outro modo naquele momento. Dali fui pegar minhas coisas no atoleiro de pensão onde estava e de lá fui encontrá-los no

hotel que estavam, no mesmo quarto enquanto eles dormiam madruguei fazendo rabiscos e quando amanheceu fui montar meu primeiro folheto inclusive usando também o que havíamos escrito nos guardanapos para montar um poema em parceria, entre esperar a digitação num escritório e as cópias numa xerocadora fiquei até o almoço e quando voltei ao hotel eles já tinham acordado, fomos comer um lanche e eles dando uma olhada no folheto disseram "dá pro gasto", depois voltamos para o hotel onde dormi à tarde e eles preferiram ficar sentados numa cama jogando baralho, quando chegou à noite foi cada um para cada lado.

Na preferência da noite fui vender em bares e na sorte de iniciante feito personagem de poeta sem que ninguém soubesse que eu estava interpretando me dei bem na primeira vez, nunca tinha ganho tanto em tão pouco tempo. Eu nunca me achei poeta e naquele folheto inclusive tinha um "poema" que falava sobre os personagens que fazemos na vida do mais íntimo ao mais externo e que qualquer um deles pode absorver quem lhe interpreta e se tornar sua própria definição, eu o considerava um "não-poema" mas isso era coisa que não divulgava tanto quanto nunca divulguei que ao meu ver nunca escrevi um "poema" na vida, para mim tudo que sempre fiz foi prosa disfarçada de algo entretanto no caso fui me acostumando em dizer que "sou poeta" e "faço poesia".

Tinham dito os "poetas": camisa por dentro da calça, foi assim tipo uniforme que mantive.

Disseram que isso se dava em função de não ofender os preconceitos alheios mas acho que também havia a questão de evitar que pensassem que podíamos estar armados, afora a roupa do corpo a cara também vestia uma carapuça de barba feita e na noite é bom mesmo cara limpa, todavia logo eu também estava experimentando outros horários de acordo com a hora que acordava e durante o dia podia ir em filas de eventos e shows e teatro e cinema e ônibus de excursão e, claro, também os bares abertos durante o dia, contudo a partir do final da tarde e noite adentro os bares são mais populosos e na madrugada em particular eles imperam para vendas, neles eu podia distender-me tanto no amor pela migalha quanto por outros amores na ocorrência e ademais na noturnidade vendedores de poesia bebem mais e são mais carnívoros, quando dois brigam entre prosa e rima pode haver um terceiro tentando lhes apaziguar e muitos combinam o desabrochar com versos livres, na palavra falada eventualmente também rimam embora isso nem sempre ocorre ao abordar "clientes" que inclusive podem querer uma conversa em linguagem própria e muito frequentemente afora de poesia, seja como for a noite está conectada ao dia e a maioria da gente que está na noite vem do dia, na noite também se fala de trabalho e nela também se pensa em trabalho e também se trabalha, afinal vendedores de poesia estão trabalhando tanto quanto tantos outros que trabalham pelo divertimento da noite.

Na sina a gente diz “quer ler?” e por folhetos geralmente pede colaboração espontânea. Em coisa de dois meses eu havia composto material para montar três folhetos e os tinha xerocado tendo ao todo repassado cerca de três centenas deles tanto pela Capital quanto cidades próximas, depois parei de contar passando a providenciar mais xerox quando via o volume de meu estoque abaixando, fazia meus itinerários desgarrado ou acompanhado dos outros vendedores embora quando a gente saía juntos frequentemente nos perdíamos uns dos outros, podíamos dar na mesa de algum solitário ou alguma doidivana que podia nos convidar para uma aventura qualquer que podia gerar outras aventuras e assim íamos nos ricocheteando até sabe-se lá onde, por vezes nos enfurnávamos em festas de gente que nunca mais veríamos findando por dormir em lugares os quais nunca mais voltaríamos para só nos reencontrarmos no hotel dias depois até meio grogues contando peripécias rocambolescas mais ou menos reais. Na poesia-para-vender as andanças eram muitas e meus parceiros gostavam de dizer que éramos “inalienáveis embora chafurdados”.

Fui conhecendo vários “poetas” no celeiro de tantos que surgiam e sumiam, com a maioria vivi apenas semanas ou mesmo só dias juntos na convivência do hotel ou das vendas, as separações e reencontros ocorriam nas eventualidades e havia inclusive “poetas” que não precisavam vender necessariamente seus livros bem editados cujo valor de custo não era compensado pelas vendas,

jovens filhos de classe média em férias ou crise de identidade especulando a experiência em diversos casos circunstanciais tais como aqueles que davam entrevistas a revistas alternativas intitulando-se como representantes dos "poetas rebeldes" ou "anti-moda", também aqueles que faziam poemas escatológicos muito difíceis de vender ou aqueles só vendiam embalagem ou aqueles que se perdiam em desenhar com letras, já os que realmente viviam disso podiam ter dura infância e muitos as superaram se tornando bonachões batalhadores e fazendo poemas baseados em "geografia do destino" também havendo aqueles que da poesia se tornarem vendedores de franquias culturais ou técnicos de algum departamento bem como os que caíram na mendicância, dentre todos sempre haveria os malas impertinentes bem como os cabritos proscritos que nunca tendo escrito uma linha inspiravam os parceiros tanto quanto sempre haveria os usuários de botinas exclusivamente pretas e os usuários de camisas exclusivamente brancas e os risonhos tão risonhos que vendiam só pelo riso, vários partiam e nunca mais eram vistos na vida.

A gente dizia: "não inventamos as classes", mas a gente tinha preconceito de classe e tinha preconceito com a gente mesmo por conta disso. A gente dizia: "não inventamos o sistema", mas a gente estava dentro do sistema independentemente de aparências. A gente dizia: "tem muito vendedor de poesia chato por aí, xinga se o *cliente* não comprar seu trabalho", era a briga dentro da própria

classe. Para os que preferiam a noite por vezes ficava difícil saber onde estava o vendedor e o consumidor ao vender e beber no mesmo bar e, se alguém nos perguntasse a respeito, a nossa resposta era que se tratava de uma resposta desnecessária.

Na noite vendendo se a gente for visto como concorrente do vendedor de amendoim não vamos parar para pensar muito nisso. O amendoim se come e o folheto de poesia muitas vezes nem levam para casa, fica ali na mesa. Tem vendedor de amendoim com mais dentes na boca que vendedor de poesia mas nem sempre consegue entrar em todo lugar que vendedor de poesia entra, nisso tem poeta-vendedor que é procurado pelas vendedores de flores que querem que ele converse com o segurança para liberar ela dentro de um bar e também as vendedoras de incenso, de artesanato, de lubricidade. Aventuras em quintais baldios pela noite podem ocorrer e lá preferencialmente pelo personagem do faraó por compensação. O próprio Nilson Fadhal Jr chegou a conhecer algumas garotas na privacidade de quintais baldios e inclusive por algumas delas se apaixonou mas quando falaram em casamento ele recuou, com outras por outro lado as chamou de “aventureiras fazedoras de rodízio” como se não fosse o caso dele próprio.

Nilson Fadhal Jr a gente chamava de Nilsinho, além de Poraí já tinha morado em diversas outras cidades e inclusive no Flume, um dos pioneiros da dinastia de poetas de rua tinha safras de textos em variados gêneros distribuídas

por várias regiões embora fosse mais conhecido como poeta brega-romântico e nessa linha era o que mais vendia embora por vezes fazendo mistura desse estilo com hai-kais curiosos ou mesmo apenas em forma de bordões, já seus contos e crônicas peculiares geralmente publicava usando pseudônimos em pequenas edições de dezenas devido ao forte teor de sexualidade e loucura para serem vendidos a pessoas específicas de públicos muitos específicos, certamente usando pseudônimos publicava estórias que pareciam suas histórias pessoais e por sinal altamente comprometedores às quais ele utilizava-se de metástases para disfarçar e também com pseudônimo publicava seus polêmicos folhetos em formas de manuais sobre como mudar a humanidade, ninguém sabia quantos pseudônimos ele tinha nem todas suas obras porquê sendo o mais velho de todos só o que ele havia guardado e nos mostrava ou nos falava é que a gente sabia contudo ele próprio alegava não se lembrar quantas obras já havia publicado e sequer o ano que tivera começado a publicar, ele só sabia já somar décadas entre o seu nome e os de vários pseudônimos reconhecidos como dele além de outros que confessava ter enterrado sem dizer o nome bem como outros atuantes que queria manter em sigilo por alguma tendência pessoal, eventualmente se pegava de surpresa falando algum texto e daí se lembrava de ser de algum pseudônimo e por vezes dizia o nome do pseudônimo embora por vezes só sabia o texto e não lembrava o pseudônimo também

ocorrendo de lembrar de repente de um pseudônimo sem lembrar qualquer texto dele, por estimativa aproximada ele calculava que todas as suas publicações juntas já deviam somar mais de vinte livros lançados, centenas de edições de algumas dúzias de diferenciados opúsculos e o dobro de edições de uma série de livretos, quanto aos folhetos mais de mil edições de uma diversidade deles que era o que mais vendia, ao todo para mais de cinquenta mil exemplares vendidos de mão a mão por toda a região Sul e Sudeste, isso tudo misturado a mileuma aventuras pessoais entre tantos lugares morados e certo histórico em já ter vivido na boca-do-lixo, umas trezentas amantes ocasionais e uns cinco casamentos nas costas, uns vinte filhos para todo canto e proibido pelas mães de ver qualquer um deles por ordem judicial, também era viciado em jogos e vivia se condenando por ter ido parar mais uma vez em casas de apostas, nos dizia que recentemente não estava escrevendo textos de "estilos arriscados" devido à "questões de mercado" e portanto só mesmo "poemas bregas-românticos" que escrevia como Nilson Fadhal Jr, contudo por vezes o víamos escrevendo como se estivesse se escondendo e não deixava ninguém ler o que nos fazia pensar que devia ser seus pseudônimos lhe fazendo cobranças, ele diferenciava bem os pseudônimos e se tinha alguma dúvida devia ser em relação a qual novo nome dar a um novo pseudônimo devido a um novo tipo de escrita que tinha desenvolvido, Nilson

foi sem dúvida um grande responsável por essa guinada em minha vida e por conta de sua influência até cheguei a usar pseudônimos mas muito pouco, para mim um só nome já exigia demais.

Tem muita coisa que não vi porquê a essas alturas já precisava de usar óculos e não usava e, se na leitura eu aproximava o material perto dos olhos, no mundo aproximar os olhos das coisas nem sempre é possível ou pega bem, assim sinais de trânsito dependiam do fluxo de pessoas atravessando a rua e banheiro público masculino dependia de já conhecer ou perguntar antes de entrar, contudo em termos de vendas até preferia sem óculos porquê não enxergar direito ajudava a superar a timidez o que devo ressaltar não era o caso justamente de Nilson Fadhal Jr que usava óculos e inclusive colado por durepox na região que assenta-se no nariz, e também não sei como ele conseguia mas eu vi a armação do seu óculos colado com durepox descolar-se justamente quando ele declamava um poema numa mesa de bar pelo menos uma dúzia de vezes e pela sequência o vi simuladamente ruborizado a catar suas lentes divididas sobre a mesa e inclusive tendo ocorrido de uma lente ter se quebrado e ele ter trabalhado meses com apenas uma de suas lentes na armação do óculos havendo no espaço da outra lente um adesivo preto, no caso ele se dizia “pirata poético” porquê tinha mania de fazer improvisos com coisas que lhe ocorria e colocava nisso seus traquejos de vendedor.

Tendo sua preferência em vender nas noites Nilson Fadhal Jr chegava em mesas se dizendo "notívago" e era da vertente que defendia o sorriso como recurso para vendas, contudo tendo um dente frontal quebrado usava nele uma prótese que era removível e por vezes saía sem a prótese de janela aberta na boca costumando dar um sorriso meia-boca para mostrar seu dente quebrado e logo em seguida tapando a boca com a mão simulando vergonha para enternecer os *clientes*, nos dizia que era parte de seu estratagema de vendas e por vezes dizia isso aos próprios *clientes* simuladamente ruborizado, era um ator. Eu também costumava usar o recurso de enternecimento através de um dente frontal cuja antiga obturação estava cada vez mais amarelada, conseguia um sorriso amarelo na cara mas aquela ruborização toda de Nilson Fadhal Jr nunca atingi.

De início encafurnado nas vendas eu não se me importava muito, estava atrás do poema maior. Mas após os primeiros períodos de deslumbramento vender muitas vezes tinha gosto escabroso mesmo que também fosse um baita exercício de força de vontade. Na liberdade temos de lutar todos os dias para renovar o ânimo mesmo sabendo que tem noite que um guardador de carro pode ganhar bem mais que um vendedor de poesia e guardadores de carro não precisam estar bem vestidos nem trabalham com matéria-prima e, nesse sentido, tem *cliente* que esconde o folheto ou livreto de poesia para não pagar e quando o poeta volta na mesa já sumiu também havendo aquele